

Índice

Da Conversa	9
Sugestões para Um Ensaio sobre a Conversa	71

Existe, na obra de Swift, um curto escrito com o título *Sugestões para Um Ensaio sobre a Conversa*, cujo tema é o aperfeiçoar da arte da conversa: esse meio de prazer e de alegria, diz o escritor inglês, tão útil, tão inocente, tão fácil para todos e tão adequado a todas as idades e condições de vida, mas que negligenciamos, ou de que abusamos com tanta ligeireza.

Não se pode invocar maior autoridade nem escolher um melhor guia do que um homem que passou a sua vida junto de Pope, Addison, Prior, Bolingbroke, etc., e com quem estes homens célebres tanto procuraram conversar.

Seguirei os seus passos, executando à minha maneira o plano que ele apenas esboçou, e empregando, entre as suas observações, aquelas que naturalmente se unem às minhas.

Começarei, juntando-me a Swift, por estabelecer a importância do assunto que me proponho tratar.

«Embora o tema sobre o qual pretendo reunir algumas reflexões se apresente ao espírito de maneira bastante natural, parece-me que foi tratado muito raramente, ou então apenas muito superficialmente, e são pouquíssimos os temas que conheço que importa mais aprofundar, e sobre os quais haja mais a dizer.»

Esta importância será sentida por qualquer homem que procure reconhecer a verdade desta observação: a grande maioria dos homens, e entre eles até os que mais cultivaram o espírito, extrai uma grande parte do seu conhecimento da conversa com os outros.

Compreende-se que não pretendo aqui falar das primeiras ideias e noções morais, sociais, literárias, etc., transmitidas pela educação anteriormente ao uso que os homens fazem da conversa, embora talvez seja verdade que elas não passam, muitas vezes, de uma combinação de palavras ou de frases às quais não se associa nenhuma ideia precisa até serem debatidas e sujeitas ao crivo de uma conversa.

Ouçó apenas falar das opiniões que cada homem formou debatendo consigo mesmo na idade da refle-

xão, daquelas que recebeu e adotou nesse período; creio, porém, que essa avaliação e essa adoção só têm lugar, na maioria dos casos, por via da conversa.

Pouca gente lê, pelo menos com atenção suficiente, para tirar dos livros as suas opiniões, e é esse pequeno número de leitores que transmite as suas ideias por via da conversa ao resto da sociedade.

É possível refutar as minhas afirmações acerca da influência que a conversa tem sobre as opiniões através de uma observação muito comum: das discussões que surgem na sociedade, o mais habitual é cada um dos opositores sair com a mesma opinião com que entrou.

Mas respondo que, apesar da dificuldade de persuadir aquele que está errado numa disputa ou discussão, nem por isso a influência da conversa sobre as opiniões é menor. Em primeiro lugar, porque aqueles que são espectadores do combate e partes desinteressadas formarão as suas opiniões consoante as razões alegadas por um ou outro dos opositores. Em segundo lugar, porque mesmo o opositor a quem falta razão, e que, na disputa, fechou os olhos à verdade, não conserva a sua obstinação quando reflete, mais tarde, de ânimo leve, e chega assim à ideia que tentara combater.

O ato de conversar é a grande escola do espírito, não apenas no sentido em que o enriquece com conhecimento que não extrairíamos de outras fontes, mas também no sentido em que o torna mais vigoroso, mais justo, mais penetrante, mais profundo.

«O estudo dos livros», diz Montaigne, «é um movimento langoroso e fraco que não alenta, enquanto a conversa é um exercício com que se aprende. Quando converso com uma mente forte e um adversário firme, ele ataca-me de flanco, a sua imaginação dá asas à minha: o ciúme, a glória e a contenção impelem-me e elevam-me acima de mim mesmo» (Livro III, cap. 8).

Montaigne retrata aqui os efeitos de uma conversa na qual se dá uma disputa, o que é manifestamente um meio de exercitar e fortalecer todas as faculdades do espírito; mas, além da disputa, a simples discussão, e mesmo a conversa na qual, na divergência de opiniões, se converge para um fim comum também trazem grandes vantagens ao exercício e à formação do espírito.

Estes tipos de conversa produzem esses efeitos de duas maneiras: uma, aumentando a força dos meios naturais daquele que fala, e outra, despertando e fortalecendo a atenção daqueles que escutam. O mo-

vimento da conversa traz maior atividade ao espírito, maior firmeza à memória e maior profundidade ao juízo. A necessidade de falar com clareza leva a que se encontrem as expressões mais acertadas. O receio de cair num paralogismo que seria percebido pelos outros afasta o paradoxo. O desejo de ser ouvido convoca favoravelmente todos os meios da eloquência permitidos numa conversa casual e, por vezes, também formas da oratória, caso aí encontrem lugar, trazidas pela natureza do assunto e pelas circunstâncias.

Escusado será dizer que os homens a quem a dinâmica da conversa faz desenvolver e aperfeiçoar os seus métodos naturais são homens de espírito e de boa-fé, pois os espíritos falsos e vãos, os partidaristas, para quem a conversa não é senão uma arena onde combatem quais gladiadores e que querem apenas chegar a uma vitória aparente, e não à verdade, esses conseguem apenas tornar o seu espírito ainda mais falso e perder-se ainda mais nas suas opiniões.

Por outro lado, o calor de uma conversa desperta e anima a atenção dos ouvintes.

Para a maioria dos homens, a leitura não se faz acompanhar dessa atenção firme, que é precisamente o instrumento de todo o nosso conhecimento. Essa